

PODER, CORRUPÇÃO E DESILUSÃO: O ESPAÇO E A ESPACIALIDADE DA LINGUAGEM NO CONTO O ELEVADOR, DE JOÃO MELO

POWER, CORRUPTION AND DISILLUSIONMENT: THE SPACE AND SPATIALITY OF LANGUAGE IN THE SHORT STORY O ELEVADOR, BY JOÃO MELO

Renata Cristine Gomes de Souza¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7830-4571>

Resumo: O presente trabalho pretende analisar as representações espaciais e a espacialidade da linguagem no conto “O Elevador”, mostrando como esse elemento reflete processos de violência, desilusão e resistência. Para tal, evidenciaremos como o conto é estruturado e como o espaço e as paisagens apresentadas demarcam o espaço luandense. A partir da análise do espaço e de suas implicações na construção dos personagens teremos uma perspectiva da representação da crise na urbe fictícia, muito tributária da real, tornando evidente a representação de uma sociedade que vive os impactos da guerra, do neocolonialismo e do capitalismo.

Palavras-chave: Espaço. Poder. Violência. Desilusão.

Abstract: The present work intends to analyze the spatial representations and the spatiality of language in the short story O Elevador, showing how this element reflects processes of violence, disillusionment and resistance. For this, we will show how the story is structured and how the space and landscapes presented demarcate the Luandese space. From the analysis of space and its implications in the construction of the characters, we will have a perspective of the representation of the crisis in the fictional, very tributary to the real, making evident the representation of a society that lives the impacts of war, neocolonialism and capitalism.

Keywords: Space. Power. Violence. Disappointment.

O espaço é um dos elementos fulcrais na construção de uma narrativa. As representações espaciais apresentam um conjunto de possibilidades de leitura, trazendo uma série de informações para a narrativa. As descrições espaciais e a suas associações com os personagens de um texto em prosa trazem informações sobre a narrativa e mostram uma

¹ Doutoranda em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense, graduação em Letras Português/Literatura pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e pela Universidade de Coimbra. Seus principais interesses transitam entre a Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Literaturas Comparadas, Estudos Pós-coloniais, Estudos Decoloniais, Estudos Culturais e Ciências Sociais.

possibilidade de análise que abarca a construção dos personagens, elementos relacionados à história, à sociedade e à temporalidade.

Espaço é o lugar onde acontece a ação em uma narrativa, o lugar de circulação e de relações dos e entre personagens que compõem o texto. O espaço situa os personagens, e também os modifica, podendo influenciar suas atitudes, emoções, pensamentos. Tal elemento constituinte da narrativa pode ser caracterizado de diversas formas, a partir de descrições, lembranças, simbologias ou mesmo através de referências ao longo do texto. Assim como os personagens, o espaço pode ser caracterizado, ainda, mais detalhadamente em trechos descritivos, ou também em referências diluídas na narração, como na memória dos personagens, ou mesmo a partir da imaginação, projeção ou idealização. Podemos identificar suas possíveis características, como, por exemplo, onde é esse espaço, se é aberto ou fechado, quem por ele é afetado e como esse movimento é feito.

O estudioso de Literatura, Oziris Borges Filho (2008) afirma que o espaço no texto atua com uma série de propósitos e destaca alguns deles. Tais classificações apontadas pelo estudioso se relacionam à função do espaço na narrativa e sua associação com os personagens. Segundo o acadêmico, o espaço caracteriza os personagens, sendo um dos construtores de seus perfis psicológico e social, além de levar os personagens a exercer e sofrer ações, trazer suas localizações geográficas, assumindo, por vezes, uma função denotativa. Tal elemento constitutivo dos textos em prosa também representa os sentimentos, aspirações e anseios dos personagens, pois pode guardar significações subjetivas para cada indivíduo, e, além disso, faz com que possamos diferenciá-los, visto que, o contato com espaço atua como um dos definidores do indivíduo, criando contrastes. O espaço pode também antecipar ações e informações que não são reveladas de forma explícita pelo narrador.

A relação com o espaço é preponderante na construção da narrativa. O espaço figura como o lugar de afirmação de pertença, o divisor de classes, um novo lugar para recomeçar, e, em razão do importante papel que esse elemento narrativo exerce nos textos, o teremos como o centro de nossa análise, que faz parte de uma pesquisa em andamento. Aqui traremos a análise espacial do conto “O elevador”

Em sua tese de doutoramento, Marcelo Brandão de Mattos traz problematizações a respeito das mudanças ocorridas em Angola após a independência, explicitando que tais

mudanças atingiram as formas de representação do país em textos literários, sendo a história do país e sua atualidade as bases fundamentais para que a literatura se modifique.

A evidência das diversidades sócio-culturais, obscurecidas pelo ideal nacionalista pretensamente uniforme; articulações de poder a mostrar que os interesses pessoais se podem sobrepor aos do projeto coletivo; a cruel constatação da incontinência de outro colonialismo, pela via da economia neoliberal, a inserir o país do mercado global pela porta dos fundos; enfim, um novo cenário social, político, econômico e cultural se configura no panorama angolano e, com ele, alteram-se as noções do que seja o “homem em cena”. Renova-se o sentido da identidade local, o “pensar-se” a respeito de ser angolano. Consequentemente, renovam-se as suas representações na arte. (MATTOS, 2015, p.15)

A literatura de João Melo incorpora em seu tecido as discussões, crises e conflitos da contemporaneidade. As problematizações trazidas no terceiro momento das literaturas africanas, junto ao desenvolvimento e uma ampliação da temática característica do quarto período – do qual a obra faz parte – são construtores do estilo adotado pelo autor em **Os Filhos da pátria**, com o tom contestatário se faz presente.

A partir da apresentação de situações limítrofes e das formas de representação dos problemas e vida da sociedade em esferas diversas há uma ampliação da temática nacional, típica do quarto período da produção angolana. O protesto, a denúncia, o lamento, o miserabilismo, a prisão, a tortura, o desejo de emancipação são temas que retornam na literatura de João Melo, e junto a eles figuram também temas caros à literatura contemporânea, como a violência, a ganância, o avanço capitalista, a desilusão, a influência das mídias, o modo de vida ocidentalizado, as formas diversas de corrupção, o ambiente e os meios de trabalho. Para tratar da literatura angolana contemporânea, Mattos afirma que

no que diz respeito às narrativas, um recorte aqui proposto, o desencanto é legível não apenas nas soluções propostas nos enredos, mas também nas formas corrosivas com que se assume a escrita, neste novo ambiente literário. Os personagens e narradores dos romances e contos contemporâneos, objetos de nosso olhar, produtos de um ambiente caótico, “observaram” a unidade do discurso e da representação ser substituída pela fratura; a certeza de uma missão, pela crise de consciência; a determinação, pela angústia; a esperança, pela incerteza. (MATTOS, 2005, p. 15)

Os Filhos da Pátria se insere no conjunto de obras ao qual o estudioso analisa, apresentando como temática a fratura e o caos social. Melo representa uma sociedade em crise, que vive o mal social, as diferenças e que é gerida pela ganância. Vejamos a breve apresentação que Rosângela Manhas Mantolvani, estudiosa de literatura, faz da obra, em seu artigo “A Pátria de João Melo: Um Estado multicultural”:

Em **Filhos da Pátria**, seu terceiro livro de contos, como afirma o próprio título, o autor trata de organizar um trabalho perpassado por uma temática principal que trata da representação dos singulares filhos do território angolano e seus complexos destinos — após a implantação do sistema capitalista pós-independência —, percorridos por força das circunstâncias político-econômicas.

O painel humano que se desenha pela representação das personagens é composto por angolanos que, oprimidos pelas forças sociais resultantes das situações de confronto entre as forças de oposição no interior do território, e expulsos pelas más condições de vida, tratam de transferir-se para as cidades, onde ocupam as periferias, dando origem a imensos bairros novos, povoados de casas de areia, os chamados musseques. É no interior dessas construções que se abriga a nova massa de “deslocados”, vindos do mato, de diferentes lugares e de diversas etnias que constituem o todo de Angola, vivendo à margem do sistema, enquanto tratam de buscar novas formas de sobrevivência. (MANTOLVANI, 2007, s/p)

“Até onde vai a capacidade de humilhação do ser humano?” (MELO, 2001, p. 13), com essa questão começa “O elevador”, conto de abertura de **Os Filhos da pátria**. O texto é estruturado a partir de nove divisões, representando os oito andares pelos quais o elevador passa e o destino do protagonista, divisão intitulada “No terraço”. A estrutura textual atua com uma função estética, delimitando os espaços pelos quais o personagem percorre e também metaforiza a temática abordada no conto. Cada divisão equivale a um andar e também a apresentação de uma nova percepção da história.

O estudioso Roberto Carlos Ribeiro afirma que “A metáfora do elevador prenuncia a escalada social e econômica proporcionadas por um país saído de várias guerras, entregue ao descontrole político e ético” (RIBEIRO, 2008, p. 111). Quanto mais perto do terraço, mais o pensamento e o comportamento alinhado às escolhas de uma burguesia que fez da esfera

pública sua forma de ascensão faz-se presente. Tal comportamento, reflete as ações de alguns governantes no período pós-independência, como problematiza Ki-Zerbo:

Muitas vezes os dirigentes africanos chegam ao poder quando estão longe de ser ricos. Servem-se do poder para acumular bens de todos os tipos, através de uma apropriação de terrenos de campos de cultivo, de operações fraudulentas por ocasião da atribuição de mercados públicos, do recebimento de avultadas comissões – há mil maneiras de enriquecer. Estabelece-se assim, uma cumplicidade mais ou menos mafiosa entre os dirigentes políticos e os operadores econômicos. (KI-ZERBO, 2006, p. 67)

A cada andar há o desenvolvimento do pensamento do narrador, que reflete sobre si e também recria a imagem do amigo que visitará, traçando um paralelo entre passado e presente, passando pelo momento em que se conheceram, quando foram guerrilheiros juntos e pelo atual, quando vai encontrar o amigo, que se tornou um político corrupto.

O desenvolvimento dos personagens é feito gradualmente, em cada uma das partes, as quais são compostas por um longo parágrafo, simbolizando o início e a conclusão de uma parte da ideia, que é retomada e aprofundada a cada divisão. Desse modo, o espaço se relaciona com a apresentação e a composição dos personagens, pois a medida que o espaço é explorado as identidades antitéticas são expostas.

Até o oitavo andar são expressos os pensamentos e a percepção que o protagonista tem da situação vivida. O conto, geralmente, tem como foco as ações, porém, em “O Elevador”, as indagações e pensamentos dividem o texto com os acontecimentos, o que o torna mais denso. Tais questionamentos e pensamentos são fundamentais para a dissolução da questão que abre o conto. Os questionamentos e lembranças atuam como um prelúdio, apresentando polaridades, diversões, aceitação e a adaptação que antecedem a ação narrada na última divisão.

Os espaços na narrativa refletem duas ideias repetidas ao longo do conto: a acomodação e a adaptação. A história começa levantando questões que movem a narrativa e que iniciam a primeira divisão do texto:

Até onde é capaz de ir a capacidade de humilhação do ser humano? É tão grande como a sua capacidade de adaptação? E, afinal, a adaptação – o que é exactamente? Sim, o que é ser ou estar adaptado? O problema é que essa palavra, aparentemente simples e de fácil entendimento por todos os

mortais, está normalmente associada a outras com as quais ele normalmente embirra de maneira solene e radical, como apenas para dar dois exemplos acomodação ou ajustamento. Estar adaptado, portanto, seja a uma pessoa, a uma instituição ou a uma situação, quer dizer, a um *status quo* (MELO, 2001, p. 13)

A adaptação e a acomodação são estados importantes para que possamos entender como os personagens lidam com o espaço que ocupam, como se sentem em tais lugares, como esses lugares são descritos e como o seu pensamento e ações variam de acordo com os dois espaços nos quais a narrativa se passa, o elevador e o terraço. É logo após essa reflexão sobre o que é adaptação que o protagonista do conto, Pedro Sanga, é mencionado, assim como o lugar em que se encontra:

Pedro Sanga olha para a jovem que está com ele no elevador, a pele de um preto esbranquiçado (tonalidade que apenas será uma contradição de termos, como se costuma dizer, para quem não conhece esse fantástico país chamado Angola, terra do futuro...), uma cabeleira loira, visivelmente artificial, a blusa vermelha semitransparente deixando apreciar (...), colants de leopardo justinhos às coxas e uns sapatos altíssimos, azuis e doirados, que mal a mantêm equilibrada (Será que esta garina vai ter com o «Camarada Excelência»?) e tem vontade de começar a rosnar, tão mortificado. (MELO, 2001, p. 14)

No fim da divisão que abre o conto, há a primeira apresentação do espaço, na qual sabemos onde o protagonista se encontra e com quem divide o espaço, uma moça que, para Sanga, parece uma garota de programa que se dirige para o último andar, assim como ele. Tal desconfiança e como se refere ao antigo amigo são informações importantes para compreendermos o que o prédio onde está pode simbolizar.

No segundo andar, o narrador explica o posicionamento de Pedro Sanga diante da acomodação e da adaptação e assim o descreve: “Domesticado ele nunca fora, em toda a sua vida. Nem domesticado, nem acomodado, nem ajustado, nem modelado, que é outra palavra que agora lhe vem à mente” (MELO, 2001, p. 14). O protagonista, a princípio, mostra-se audaz, fiel ao que acreditava nos tempos da luta armada, como observa-se no trecho a seguir:

A adaptação é luta e não acomodação!, acrescentava. (...) os verdadeiros adaptados são aqueles que são capazes de enfrentar este mundo reconhecidamente ingrato e cruel, denunciando e lutando contra as suas imperfeições e, sobretudo, contra todos aqueles que eventualmente (...) sejam por elas (...) responsáveis. (MELO, 2001, p. 14-15)

Ao falar sobre seus ideais e forma de gerir a vida, o personagem discute com sua esposa questões referentes a adaptação e compreende a acomodação como comodidade. As suas ideias são desenvolvidas com liberdade em casa, ambiente que lhe traz tranquilidade para tal. De acordo com o filósofo Zygmunt Bauman (2003), nosso corpo e a nossa alma criam uma ideia de expectativa de vida que é mais longa do que pode ocorrer na realidade, por isso a autopreservação é um investimento importante. A casa é o que o filósofo chama de trincheira avançada, ou seja, é um elemento muito importante na busca por proteção, nos trazendo segurança. A casa nos separa do que é estranho e que nos pode trazer desconforto e insegurança e é nesse lugar, em que se sente confiante e protegido, que Sanga defende suas ideias políticas, ouvido pela esposa mesmo que sem atenção.

Enquanto a esposa parece conformada, Sanga desenvolve seu discurso no espaço em que é seguro para tal: “são as fricções e as contradições e, nesse sentido, ninguém se deve furtar em assumir o papel que lhe cabe nessa luta de contrários, para usar a expressão em desuso. O meu papel é este!, chegava ele, então, a entusiasmar-se consigo próprio” (MELO, 2001 ,p. 15). Na casa consegue se exprimir, porém no elevador, ao falar com a moça de roupas extravagantes, seu discurso parece irrelevante, pois no espaço em que se encontra não tem poder, não precisa ser ouvido e nem consegue se fazer ouvir. A impossibilidade de fazer-se ouvir também demonstra o pouco espaço dado a seu discurso político, que só é enunciado com clareza em um lugar privado.

Na terceira divisão do texto tem-se espaços em contraposição. Primeiro o narrador fala dos lugares que João Sanga e Soares Manuel João percorreram quando ambos eram combatentes. Nas frentes e nos espaços de luta viviam como iguais, porém após a independência isso muda, enquanto o Manuel João ostenta suas propriedades, não se sabe o endereço banal de Pedro. Soares passa a fazer parte do grupo que o narrador chama de “autoproclamados herdeiros de fortunas anteriormente inexistentes” (MELO, 2001, p. 16), ou seja, os que enriqueceram após a independência. Vejamos a descrição do prédio onde está o escritório de Soares:

A capacidade de humilhação dos seres humanos parece ser infinita, não o fez, deixando o aparelho prosseguir a sua viagem até ao último andar do prédio em cujo terraço Soares Manuel João tinha o escritório da sua empresa, «com vista para a Marginal, meu! Um espetáculo! Quando aceites a minha proposta vai lá ter comigo!». Para os leitores que não conhecem Luanda não desconfiem do presente relato – e sendo sabido que os elevadores foram um dos artefactos que, para recorrer a uma expressão popular «o colonizador levou» após a independência do país –, informa-se que nos últimos tempos começaram a ser edificadas alguns prédios completamente novos na cidade, os quais, naturalmente, estão apetrechados com esses equipamentos e não só. (MELO, 2001, p. 16-17)

Enquanto decide se visitará o antigo amigo, Sanga relembra dos convites para conhecer a cobertura, momentos em que Soares exalta suas conquistas e o lugar onde se instalou. A partir da descrição do escritório e sua localização, o perfil de Soares pode ser traçado. Como ressalta o político, o escritório fica em uma área nobre da cidade, usando tal fato para mostrar seu poder financeiro.

Conhecida popularmente como Marginal, a Avenida 4 de fevereiro é a mais importante via do centro financeiro da capital, onde concentram-se hotéis, serviços públicos, ministérios e sedes de empresas com notoriedade, assim como, grandes multinacionais, o Banco Nacional de Angola e a Universidade Agostinho Neto. Trata-se de uma área de grande prestígio, a qual poucos têm acesso.

Em **Metrópole: Abstração**, Ricardo Marques de Azevedo afirma que as capitais devem representar o poder que a elas é incumbido e suas construções arquitetônicas devem transparecer sua força e seu papel. A Marginal é um lugar que materializa tal poder e que representa essa característica da metrópole.

O narrador não se furta de mostrar a elegância e modernidade do prédio ocupado pela empresa do ex combatente. Ironicamente, o narrador problematiza o momento em que os grandes prédios foram construídos, após Angola ter perdido o “status quo” de colonizada, ou seja, há, nas construções de tais edificações uma nova forma de colonialismo, comandada pelos antigos e novos ricos. Após a independência, o poder que estava nas mãos dos portugueses passou para as da burguesia angolana, que, muitas vezes aliada a governantes, exploram o povo e mantém a sociedade desigual e estratificada. O capitalismo, o

neocolonialismo e a eminência parda — referimo-nos aqui à denominação dada ao indivíduo que não é comandante supremo do país ou nação, mas detém o poder naquele espaço, no conto, a eminência parda é representada por Manuel João — aparecem como o resultado da Angola que foi sonhada e construída até então.

Ao passar pelo quarto andar, Pedro mais uma vez contrapõe momentos diferentes da vida do antigo amigo, de como era e é chamado. Primeiro o personagem questiona “Será que o «Camarada Excelência» ainda continua a comer funje com pão?” (MELO, 2001, p. 17), ou seja, é possível que ocupando novos espaços, Soares ainda mantém costumes simples de antes? Tem os mesmos costumes e valores? Esse questionamento é respondido, em partes, quando o personagem reflete sobre a mudança de tratamento ao se referir a Manuel João.

Nos campos de batalha e nos acampamentos, os guerrilheiros comumente eram apelidados com nomes de objetos de pouco valor, Soares, naqueles espaços, era chamado de Funje com pão. No elevador, o protagonista percebe que já não existe o Funje com pão e no espaço de riqueza e poder, o antigo combatente atende por Camarada Excelência, provando que nem ele, nem a amizade que anteriormente tiveram permanecem iguais. Nesse caso há uma grande mudança de comportamento e de ideais, na representação do personagem vemos atuações paradoxais.

Ao longo do tempo, exposto ao poder, Manuel João muda, o personagem obedece a construção do indivíduo pós-moderno, pois há nuances diferentes na sua formação. Maria da Glória Bordini afirma que

O indivíduo moderno pós-moderno, portanto, vive imerso em situações de crise, das quais o choque se torna tão habitual que o desestabiliza em relação tanto a si quanto aos outros. Daí ele ser capaz de violências como genocídio e terrorismo, para não falar no crime cotidiano nas grandes e, agora igualmente, pequenas cidades, bem como o indiferentismo e ante a carência e a dor alheias, num processo de concentração no próprio eu que o isola dos problemas de convivência que aprendeu a ver como insolúveis. (BORDINI, 2007, p. 54)

Soares, antes o combatente idealista, quando chega ao poder se desfaz de seus antigos ideais e começa a viver da mesma forma que tantos outros que ocupam posições similares a sua. O personagem para de pensar no todo e na sociedade e passa a agir em prol de seu enriquecimento, a carência e a dor alheia já não lhe comovem, nem afetam as suas ações. Ao

passar pelo quinto andar, Pedro Sanga ainda rememora momentos e características de Manuel João, tendo como foco os antigos ideais políticos, quando defendia que

[o]s catetes é que teriam que mandar na Angola do futuro, pois eram os únicos que já tinham estudado, como o demonstrava, aliás, o exemplo de Agostinho Neto, poeta, médico e revolucionário, que iria conduzi-los até a vitória final. Nessa «Angola do futuro» que o Soares projectava, seria criado «um homem novo» que teria a missão de edificar o socialismo científico, o regime mais avançado da história da humanidade, onde todos os homens são iguais, sem burgueses, sem proletários, nem brancos, nem mulatos (...) (MELO, 2001, p. 19)

O discurso de igualdade do passado contrapõe-se a realidade presente e o lugar que ocupa, o personagem ostenta seu poder e riqueza e fez do poder público um meio de enriquecimento. Em uma cidade em que a segregação social dita a permanência nos espaços, estabelecer-se na Marginal é uma forma de mostrar-se cada vez mais afastado do discurso de outrora.

No sexto andar, a grande mudança de Soares continua sendo tema de reflexão para Pedro Sanga, e, assim, a cada andar o perfil do antigo amigo é construído para o leitor, a cada andar uma camada da dualidade que o personagem representa é descoberta. Com questionamentos inicia-se a sexta parte do texto: Como é que esse gajo ficou assim? O tipo sempre foi o mais radical do nosso grupo, defendia que as classes deveriam ser abolidas e a exploração do homem pelo homem extinta para todo o sempre – como é que se transformou assim num novo-rico nojentão? (MELO, 2001, p. 21). Neste parágrafo, são elencadas as posses de Manuel João “duas casas em Luanda, e uma quinta em Viana” (MELO, 2001, p. 21). A ocupação do espaço torna explícito o poder financeiro de Soares, em uma cidade na qual muitos não têm onde viver, ter para si três imóveis – o escritório e duas casas – é ter uma vida de privilégio, gozando de capital financeiro.

João Manuel Soares, com a acumulação patrimonial, obtém mais espaços e assim cresce seu poder e diferencia-se da maior parte da população. Se antes ele lutava por uma Angola para todos, depois de anos no poder, usa sua posição para benefício próprio. Adapta-se ao seu país, a forma como o poder nele é regido, onde vence quem vive em prol do lucro, deixando para trás antigos ideais.

O jornalista Rafael Marques problematiza no artigo “Corrupção em Angola: um impedimento para a democracia” que, no país, a corrupção foi institucionalizada como um modo de vida, tornou-se “[n]ormal as pessoas ascenderem aos cargos do governo para saquearem os cofres do Estado” (MARQUES, Rafael. Apud: MANTOVANI, Melina, 2012, s/p). O comportamento de Soares reflete a normalização da corrupção como forma de enriquecimento. A escalada social de Manuel João é assim descrita:

Pedro Sanga, mesmo a contra gosto, tem de apreciar a capacidade de adaptação do Soares. Como diria a minha mulher, o gajo sempre soube adaptar-se às situações. Realmente, lutou contra o status quo colonial quando, pensando bem, quase toda sua geração o fez. Como advento da independência, não hesitou em ser ministro, apesar de saber perfeitamente (o amigo queria acreditar nisso) que não possuía nenhuma formação específica para o lugar que lhe foi oferecido. Espantosamente, (Pedro Sanga ia dizer admiravelmente, mas recuou a tempo), aguentou-se como ministro durante mais de quinze anos, pois, apesar de não turgir, também não mugia. Quando chegaram os anos 90 e o sonho (se os leitores forem menos ingênuos do que a personagem que está a proceder mentalmente a este resumo do percurso individual de Soares Manuel João, também conhecido como Funje com Pão e como «Camarada Excelência»), podem, naturalmente, substituir a palavra «sonho» por «aventura») socialista foi enterrado, sem pompas, mas devido a uma circunstância que jamais poderia, obviamente, deixar de ser ponderada pelas elites (como ensina o conhecimento adágio, era preciso ceder os anéis para preservar os dedos), teve o discernimento necessário para, mais uma vez, captar os chamados sinais do tempo, pediu para sair do governo e comprou (certamente por uma bagatela...) as principais empresas que ele próprio, como ministro, tutelava anteriormente, tornando-se assim, formalmente, um dos primeiros capitalistas autóctones angolanos. (MELO, 2001, p. 22-23)

No trecho percebe-se a contradição nas convicções de Pedro Sanga, se antes – nos primeiros andares – acreditava que adaptar-se era viver de forma honesta, chegando no apartamento do antigo amigo o conceito de adaptação passa a ficar mais próximo ao de sua esposa, com quem passa a concordar. Quanto mais perto ao espaço que para ele simboliza a riqueza e poder, mais suas escolhas se aproximam do modo de vida de Soares. Se antes o antigo amigo tinha um comportamento recriminável, agora é admirável. Com ironia o narrador demarca as escolhas de Sanga e a trajetória de Soares, mostrando como ambos se

contradizem. Ruy Moreira, pesquisador e professor de geografia da Universidade Federal Fluminense, discute:

Criando seus meios de vida visando a prover suas necessidades de existência segundo seus quadros de ambiente, os grupos humanos geram por via da invenção o seu modo de vida e assim, por meio deste, a sua forma de civilização. Todavia, ocorre que depois de se consolidarem, as civilizações passam a viver seus problemas. (MOREIRA, 2019, p. 42)

O modo de vida angolano, ou seja, a corrupção como forma de ascensão social e de sobrevivência na burguesia causa uma série de problemas que corroboram para que direitos sejam inviabilizados para a parte pobre da população, que tem seu dinheiro roubado a partir de desvios de verba pública. O uso de recurso públicos para o enriquecimento é uma forma de violência contra a população, pois deixa-se de ajudar o povo para o proveito próprio, corroborando com a desigualdade. Enquanto ministro, Soares, despreparado e pensando em seus privilégios de classe, trabalha apenas para si.

No oitavo andar, é dita a atual ocupação de Pedro Sanga, secretário geral do Ministério ao qual o antigo amigo foi responsável. Soares, agora deposto de seu cargo de ministro, depende de Pedro para suas manobras financeiras, ele deseja que um contrato público – o qual no texto não é especificado, apenas que há necessidade de terceirização de um serviço prestado pelo governo – seja feito com a sua empresa. Para isso, oferecendo um acordo lucrativo, Soares procura Sanga, e relembra da antiga amizade. É nesse momento que a questão inicial é retomada “Até onde é capaz de ir a capacidade de humilhação do ser humano?” (MELO, 2001, p. 27).

Ao chegar no último andar, Pedro Sanga já não é sufocado pelos seus pensamentos e se rende aos modos de vida, adapta-se ao ambiente. O elevador funciona como um espaço que o aprisiona em seus pensamentos, por isso a contradição e o embate ideológico que sua posição lhe impõe. Quando chega ao seu destino, vai além do acordo inicial:

Trinta por cento? Caralho!, Sanga, ainda a dias dizia que não era desses e agora queres trinta por cento!? ... Aprendeste rápido, hein!? Vá lá, vinte por cento e fechamos o negócio... ao que ele respondeu com um «Feito!» o que lhe saiu da garganta como um murmúrio envergonhado, enquanto

esfregava as mãos que, de repente, tinham ficado húmidas (sic) de suor.
(MELO, 2001, p. 28)

Porém, é no terraço, que seu desconforto com o resultado de suas escolhas faz-se presente. No terraço, na cobertura do prédio, acima de todos os outros andares, seu distanciamento do chão metaforiza a sua mudança seu posicionamento. Quanto mais longe do solo, que representa seu ideário, a concretude das ideias que construiu no fim do período colonial se dilui. Chegando ao terraço, percebe que está longe demais do que acredita e de si próprio, humilha-se, sente nojo de si ao ultrapassar os limites de suas crenças políticas. No terraço vê que foi longe demais afastando-se de sua base e do que acreditou em toda a vida:

Pedro Sanga teve a estranha sensação de que já tinha estado naquele lugar, ou, então que já tinha passado por uma experiência semelhante. Mas, de repente, e antes que pudesse esclarecer essa dúvida, sentiu asco. Apenas teve tempo de correr e agarrar-se a um dos parapeitos do terraço, começando a vomitar sem parar, cada vez mais agoniado. (...) Pedro Sanga mal escutou o Camarada Excelência perguntar-lhe, jocosamente: – *Epá, não me diga que as alturas te fazem enjoar?!* (MELO, 2001, p. 29)

Pedro prova que a capacidade de rápida adaptação não é para todos. Embora mostre-se corruptível, não adere facilmente às novas escolhas, e é no tensionamento entre o que acredita e suas ações que o corpo expõe o desconforto e o nojo que sente por si. As alturas simbolizam a burguesia, as pessoas que estão no poder e o que fazem para conquistá-lo e nele se manter. Essas alturas o fazem ir longe demais e, assim retomamos a repetida pergunta “Até onde é capaz de ir a capacidade de humilhação do ser humano?” (MELO, 2001, p. 27)

Referências

MELO, João. **Filhos da Pátria**. Luanda: Editorial Nizila, 2001.

Demais referências bibliográficas

AZEVEDO, Ricardo Marques de. **Metrópole: abstração**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BORGES FILHO, Oziris. “Espaço e literatura: introdução à topoanálise”. **Anais da Abralic**. São Paulo, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?**: entrevista com René Holenstein. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MANTOLVANI, Rosangela Manhas. A Pátria de João Melo: Um Estado multicultural. São Paulo: **Revista Crioula**, s/p 2007.

MARQUES, Rafael. In: MANTOVANI, Melina. **Rafael Marques acusa figuras do Estado de Angola de branqueamento de capitais**. Disponível em < <http://www.dw.de/rafael-marques-acusa-figurasdo-estado-de-angola-de-branqueamento-de-capitais/a-16103515>> 17/07/2012. Data de acesso. 28/12/2013

MATTOS, Marcelo Brandão. **A geração da distopia: representações da angolanidade na ficção contemporânea**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

MOREIRA, Ruy. **Espaço, corpo do tempo**: A construção geográfica da cidade. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2019.

RIBEIRO. Margarida Calafate. “Um desafio a partir do Sul: uma história de literatura outra”. In: CALAFATE, Margarida Ribeiro. PADILHA, Laura Cavalcante. **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, 2008a, p. 177-191.

RIBEIRO. Roberto Carlos. Resenha: Filhos da pátria. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 99-112, out./dez. 2008.

Artigo recebido em: 20.07.2020

Artigo aceito para publicar em: 15.10.2020